

AS HUMANIDADES FRENTE AOS DESAFIOS TECNOCIENTÍFICOS CONTEMPORÂNEOS

Entrevista com Maura Corcini Lopes¹
Por: Juliane Marschall Morgenstern

Juliane Marschall Morgenstern: A Revolução científica e seus desdobramentos contemporâneos têm nos colocado diante de novos desafios, principalmente para quem está envolvido com a formação e o ensino em Humanidades. Para debater sobre o assunto, entrevisto a professora e pesquisadora Maura Corcini Lopes. A professora é decana da Escola de Humanidades da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS/RS, Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e Graduada em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria. Maura integra um seleto grupo de pesquisadoras brasileiras com produtividade de pesquisa e se destaca pelos estudos que desenvolve sobre aprendizagem, inclusão, práticas pedagógicas e educação de surdos. A professora compõe o Programa de Pós-graduação em Educação da UNISINOS orientando teses, dissertações e outros estudos relacionados ao campo das Humanidades. Também lidera o Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão - GEPI/CNPq e atualmente é vice líder do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos - GIPES/CNPq.

Antes de iniciar a entrevista, gostaria de agradecer a disponibilidade da professora Maura em responder algumas perguntas sobre o futuro do ensino de Humanidades e nos oportunizar uma reflexão sobre os desafios enfrentados pela educação num contexto em que a inovação tecnocientífica parece se sobressair em relação a outros campos de conhecimento. A participação da professora é de grande relevância para o debate pretendido e contribui sobremaneira para as reflexões que temos procurado desenvolver para o ensino de Humanidades, nos Cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Franciscana - UFN. É um imenso prazer para mim realizar essa entrevista.

Maura Corcini Lopes: Antes de começar a responder as perguntas que me fazes, quero dizer que é um prazer conversar contigo, Juliane, bem como uma satisfação pensar em uma entrevista-texto para a Revista de tua Universidade. Além de toda a minha formação ser na grande área de Humanidades, nos últimos dois anos, tenho me ocupado academicamente deste tema em meu trabalho e de reflexões. Desde que assumi a decanatura da Escola de Humanidades da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), minhas atividades têm se concentrado na articulação e na promoção de reflexões, formação e discussões sobre o presente e o futuro das Humanidades na era da tecnociência. Sem querer ser catastrofista, mas sendo, de certa maneira, pessimista na forma de pensar, o futuro da humanidade parece que será bem mais difícil e triste do que seu presente. Ao mesmo tempo que nos desenvolvemos tecnologicamente e que a ciência avança em suas descobertas, tornamo-nos mais frá-

¹ Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria. Graduada em Educação Especial pela UFSM. Decana da Escola de Humanidades da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da (UNISINOS).

geis, pois as invenções tecnocientíficas não estão sendo pensadas para todos, tampouco estão sendo pensados de modo mais sistemático os impactos das tecnologias nas formas de vida do presente.

Não está na ordem do capitalismo, tanto de tipo empresarial quanto de tipo financeiro ou acionário, o comum (DARDOT, LAVAL, 2017). Para o capitalismo, a desigualdade é uma condição de manutenção da competição. A crise gerada com as crescentes desigualdades acaba operando como um motor para o neoliberalismo, que constantemente necessita reinventar-se, transformando-nos em empresários de nós mesmos. Porém, nem todos conseguem ativar a si mesmos para tornarem-se empreendedores; muitos nem mesmo querem fazer isso consigo mesmos. Até aqueles que são empreendedores talvez não consigam dar conta das exigências crescentes de mercado. Enfim, não há lugar para todos.

A lógica capitalista industrial moderna, mesmo cometendo injustiças e exclusões, era mais lenta em seus efeitos sobre a população. As lógicas capitalistas que concorrem no presente, a do tipo empresarial e a do tipo financeiro, são mais perversas em seus efeitos. Além de investirem mais no individualismo e de o promoverem, também promovem a desarticulação dos coletivos e da representatividade. Cada vez é mais difícil mostrar contrariedade, reclamar e mobilizar as pessoas por lutas comuns. Cada um tem seu pleito particular. A disciplina moderna, que nos impunha as condições de uma vida em sociedade, está em colapso, e junto com ela as instituições. Centro aqui meu interesse na universidade e na escola.

Cada vez há mais críticas ao papel da universidade e da escola no século XXI. Diante de indivíduos autônomos e desejantes de personalização de processos, pois não há nada que seja próximo ou comparável a eles e às suas necessidades, perdem o sentido as práticas experienciadas em coletivo. A compreensão da disciplina e de escola em Kant é posta de ponta cabeça. Isso significa que não é preciso enviar crianças e jovens à escola e à universidade para que lá aprendam regras de convivência, uso do tempo comum e disciplina. Importa é que cada um persiga metas individuais e gradativas. O princípio da escola ativa, que mais tarde possibilita a emergência da pedagogia ativa, defendido por Dewey, Decroly, Ferrière, Claparède e Montessori em meados do século XX, primando pela ativação dos sujeitos e por uma “escola sob medida” às necessidades e fases dos sujeitos, converteu-se em condição de possibilidade para práticas pedagógicas empresariais, ou seja, práticas que entendem o indivíduo como um investimento.

Embora possamos seguir nossa conversa por onde parei, penso que não seja o momento. Voltemos para o foco da entrevista - a tecnociência e as Humanidades. A introdução feita, além de agradecer pelo convite para a entrevista, também tem o objetivo de mostrar uma atmosfera maior, onde a problemática central desta entrevista está situada.

Juliane: Há uma tendência em pensar a formação nas Humanidades em termos de ensino das Humanidades. O que você pensa disso?

Maura: Formação é algo bem maior do que ensino. Trata-se de um processo que visa à transformação do sujeito. Não digo que a formação seja mais importante do que o ensino ou que um seja a superação de outro. São dois processos diferentes e autônomos. Formar significa dar uma forma, conduzir por caminhos idealizados até que o indivíduo possa traduzir para si mesmo uma forma de estar no mundo, em sintonia com o ideal formativo a que foi submetido. Portanto, a formação aponta para a constituição das formas de ser do sujeito.

De muitas maneiras, a questão que se faz Michel Foucault, qual seja, a de *como nos tornamos o que somos*, nos é útil porque possibilita que façamos a história das práticas de formação. Trata-se de fazer uma história que conta como formamos distintos seres humanos em diferentes tempos e espaços e como tais seres agiram sobre si mesmos a partir da atmosfera em que estavam imersos.

Na história da humanidade, podemos observar a formação ocorrendo a partir de distintos “modelos”. Por exemplo, o da *Paidéia* grega, o da *Humanitas* romana, o da *Bildung* criada pelo idealismo alemão, etc. Noguera-Ramirez (2011), com uma finalidade didática, divide a história da formação em três grandes correntes: a lusófona, a anglo-saxônica e a francófona. Cada uma delas articula finalidades distintas às práticas formativas que mobiliza. Penso que é importante destacar aqui que, nas correntes anglo-saxônica e francófona, encontramos as condições de possibilidade para que hoje passássemos a reduzir o entendimento da formação em ensino e, mais ainda, passássemos a reduzir práticas formativas de mão dupla (formação do outro e autoformação) a práticas de autoformação. A emergência da aprendizagem somada às noções de liberdade e de autonomia parece minimizar a formação como atmosfera mais ampla, comprometida com um ideal formativo.

A redução da formação em ação de ensino não só empobrece a formação, como também abre espaço para o esfacelamento de valores necessários e capazes de tornarem indivíduos em humanos.

Bem, preciso voltar à tua pergunta. Toda essa breve reflexão que fiz é para mostrar que é típico de nosso tempo, construído sobre uma base neoliberal, caracterizada pelo capitalismo de mercado e financeiro, o empobrecimento e até o esfacelamento da formação em Humanidades. Tudo se converte em produto, ou seja, transformar a formação em Humanidades em ensino de Humanidades é colocar valor no produto, que pode ser vendido, precificado, ranqueado, e não na formação humana para, por exemplo, a vida compartilhada com o outro.

Juliane: Poderíamos dizer que existem tensões no ensino das Humanidades? Como compreendê-las para pensar o presente?

Maura: Sim, existem. Muitas são as tensões passíveis de serem observadas no ensino das Humanidades. Elas vão da concepção e dos autores que escolhemos para problematizar e planejar até o questionamento sobre a utilidade de mantermos espaços nos currículos para o ensino de Humanidades.

No início dos anos 2000, o professor da USP Renato Janine Ribeiro apresentou um polêmico projeto de curso, centrado nos estudos das artes, da filosofia e da literatura. Após o terceiro ano de curso, os estudantes poderiam fazer escolha das trajetórias específicas que desejassem seguir. A proposta era uma aposta no “poliglotismo cultural”. O professor afirmava, a partir de sua análise dos problemas do presente, que se fazia necessário criar instrumentos capazes de combater a especialização cada vez mais enrijecida do aprendizado. Para ele, a especialidade rígida, ou monocultural, não possibilita a leitura e o enfrentamento dos problemas contemporâneos. Conforme escreve Marcovitch (2002, p. 234) ao comentar a ação de Renato Janine Ribeiro, “o ‘monoglotismo’ científico e ou cultural [...] acontece quando professores ou alunos abordam as realidades com apenas uma ciência”. Na sequência de sua discussão, o autor escreve que “tudo o que se produziu nas áreas de Literatura, Filosofia e Artes constitui um patrimônio ao contrário das ciências onde há um processo natural de perda e refutação.” (MARCOVITCH, 2002, p. 234).

Complexificando ainda mais o monolinguismo científico, estão as disputas por financiamento de pesquisas e por desenvolvimento profissional. Pesquisa aplicada e resultados em curto prazo são cobranças feitas à universidade pelo mercado e pela sociedade. Todavia, embora pesem os financiamentos de pesquisas e as respostas imediatas para problemas do presente, os conhecimentos produzidos na universidade devem preservar, além de sua aplicabilidade e utilidade imediata, também a sua inutilidade. A utilidade dos saberes inúteis, para citar um paradoxo bastante explorado por Ordine (2016), está na preservação do espaço para a produção do conhecimento como bem comum, e não como patrimônio financiável e passível de ser adquirido mediante negociação de condições financeiras.

Ao refletir sobre a inutilidade dos saberes, estou pensando na descoberta da penicilina (1928) por Alexander Fleming e na criação da teoria da relatividade (1905) por Albert Einstein. Estes e muitos outros que poderiam ser citados aqui intuíram o futuro, impactaram e modificaram a vida no presente, mesmo que seus saberes não tenham sido desenvolvidos para tais finalidades. Quero frisar que a “ciência inútil” pode premeditar o futuro. Ela pode nos conduzir a antecipar os acontecimentos, servindo de base para novas criações. Não vamos erradicar os problemas ou acompanhar o desenvolvimento de países ditos de primeiro mundo, sem políticas sérias e duradouras de formação e de pesquisa. Tampouco faremos isso com políticas científicas voltadas somente para a pesquisa aplicada e a inovação. Não descarto a pesquisa aplicada, pelo contrário, mas quero dizer que a liberdade da ciência, muito garantida pela natureza dos conhecimentos produzidos nas universidades, é o que lhe permite antecipar o futuro. Política científica exige tempo e continuidade de investimentos para que possamos vislumbrar sua potência, principalmente se pensarmos nos possíveis impactos sobre a vida.

Assim como citei criações em outras áreas, no amplo campo das Humanidades, também se encontram vários exemplos de ganhos sociais posteriores a avanços teóricos que não partiram de demandas específicas e práticas. Pelas características da área de Humanidades, talvez suas criações não sejam tão fáceis de serem percebidas em seus impactos. No entanto, dentre outros feitos, elas instrumentalizam os intelectuais a traduzirem os fenômenos do presente de maneira a nos fornecerem elementos que devem ser considerados para a criação de outras formas possíveis de vida, capazes de levarem a humanidade a conviver com tecnologias digitais avançadas e a lutar contra as condições de desigualdade e discriminação negativa em que estamos imersos.

Voltando toda a discussão anunciada acima para o ensino de Humanidades, as disputas que vemos nos currículos, tanto da escola básica quanto da universidade, refletem os discursos dominantes do empresariamento da educação e da redução da produção de conhecimento à ciência e tecnologia. Refletem também a crise da universidade, que se pergunta sobre a sua finalidade no século XXI. Sobre isto, não vou entrar aqui nesta entrevista, pois seria outro desdobramento, que nos conduziria a refletir sobre os modelos de universidade que temos e a recente história da universidade brasileira. Também nos levaria a discutir a concepção de universidade sobre a qual nossas instituições estão postas.

Juliane: Qual o papel das Humanidades frente à revolução tecnológica?

Maura: Para responder esta pergunta, quero começar pautando que aquilo que denominamos de “revolução tecnológica” é uma revolução humana. A dicotomização não nos ajuda a pensar a nossa responsabili-

de frente às nossas criações. Tampouco permite que nos debrucemos longamente sobre problemas vividos, com a finalidade de dissecá-los para que possamos ler seus elementos, anunciando crises contemporâneas. Por fim, pensar os avanços tecnológicos separadamente das Humanidades não possibilita que reflitamos sobre as diferenças geracionais, que também impactam na constituição de subjetividades típicas, por exemplo, das gerações X, Y e Z. Grosso modo, para mim, o papel das Humanidades é promover formação que conduza à reflexão sobre os usos e as finalidades das práticas tecnológicas e ao seu tensionamento.

Klaus Schwab (2015) chama a nossa atenção para os impactos da chamada Revolução Industrial 4.0. Para o autor, trata-se de uma revolução sem precedentes, para a qual não estamos preparados. Conforme ele alerta, seus impactos são profundos, pois alteram a forma de relacionarmos-nos uns com os outros, bem como a própria maneira de constituirmo-nos como sujeitos. Schwab diz que a 4ª Revolução se diferencia de outras tanto pela fusão das tecnologias físicas, digitais e biológicas, quanto pela velocidade, amplitude e profundidade das mudanças que produzirá em nosso tempo. Sem dúvida, os impactos de tal revolução são incomparáveis aos impactos das outras três Revoluções anteriores - a primeira deu-se pela mecanização da produção (1760-1830); a segunda ocorreu pela eletricidade e manufatura em massa (aproximadamente nos anos de 1850); e a terceira deu-se com o desenvolvimento da eletrônica, da tecnologia da informação e da telecomunicação (meados do século XX). As Humanidades não podem colocar-se fora das discussões que problematizarão e determinarão seu próprio futuro, além do futuro da universidade.

Cada vez mais, nos espaços da universidade e do mercado de trabalho, estamos convivendo com jovens integrantes das gerações Y e Z. Eles se diferenciam entre si, principalmente, em suas formas de ser devido à radicalização e à dependência conectiva da geração Z². Estes, nativos digitais, demonstram diferenças substantivas nas suas formas de relacionar-se com os outros e de prestar atenção no que acontece em seu entorno. Como demonstram as pesquisadoras Corey Seemiller e Meghan Grace (2018)³ em palestra proferida na UNISINOS, são jovens menos atentos a notícias, são muito pouco persistentes em suas ações, possuem baixa tolerância a frustrações e são bastante conservadores em suas atitudes e valores. Vistos como problemáticos em suas relações presenciais, bem como contraditórios em suas posições e desejos, os sujeitos de tais gerações estão entrando na universidade. Eles parecem buscar por outros tipos de formação, com outras temporalidades, que apostem mais na autonomia curricular e formativa, embora também registrem seus desejos por aulas expositivas que diminuam seus esforços em sua própria formação. Pensar o futuro próximo da formação universitária é um dos desafios a serem enfrentados pelas Humanidades - tanto como área específica de saber, quanto como conhecimento amplo sobre Humanidades.

Constitui outro desafio para as Humanidades assumir que a anunciada Revolução 4.0 não abarca somente novos inventos tecnológicos, mas também novas subjetividades, mais conectadas *online* e mais afastadas de relações presenciais. Sociólogos ajudam a pensar sobre a convivência no trabalho das gerações X, Y e Z. Há uma distância expressiva entre a geração X e as outras duas, distância esta também sentida na universidade, entre professores e estudantes.

² Para mais informações sobre as características das gerações X, Y e Z sugiro a pesquisa do IBOPE, disponível em: <<https://bit.ly/Z62G2T>> consulta em 23 de maio de 2018.

³ As pesquisadoras, em parceria com Gustavo Borba, Paula Campagnolo e Isa Mara Alves, em junho de 2018, apresentaram dados de pesquisa realizada com jovens nascidos entre 1995 e 2010. Parte dos dados podem ser acessados no *site* <<https://bit.ly/2yHW0ii>>.

Embora não venha ao caso descrever tais gerações, penso que vale passar minimamente e de forma quase esquemática por elas. A geração X, nascida entre o pós-guerra e o início dos anos de 1980, ficou marcada pelo esforço em reconstruir o mundo. Nada do que conseguiu foi fácil, e via na formação humana e profissional um caminho para a conquista de um futuro seguro para si. A formação universitária estava integrada aos desejos de mudanças de condições de vida, e as tecnologias eram condições necessárias para o desenvolvimento econômico dos países que necessitavam reerguer-se.

A geração Y já nasceu na era da internet. Nos países mais desenvolvidos, pode ser observada já por volta dos anos 1970 até meados dos anos de 1990. Sua vida está envolta pela tecnologia e pela circulação de informações facilmente acessadas, se comparadas aos acessos da geração X. Os conflitos que mantêm com a geração anterior são expressivos, pois são indivíduos oriundos de um tempo de facilidades e de início de flexibilização disciplinar. Já não esperam ter um emprego por longo tempo, querem variações que os façam viver mais tranquilos. Os jovens da geração Y tendem a ser multitarefas e trabalham em uma noção de tempo pontilíneo.

De forma ainda mais intensa, a geração Z, também conhecida como a dos “nativos digitais”, nasceu no final dos anos 1990 em diante. Esses jovens caracterizam-se por estarem sempre conectados e por terem dificuldades de relacionar-se presencialmente com outros, mesmo sendo de sua geração. Desconhecem uma forma de estar no mundo sem a presença dos aparatos digitais. Empenhados em perseguir *links* de acesso e em não ter fronteiras para seus pensamentos, navegam pelo mundo, independentemente da geografia. Resistem às atividades que exigem tempo de dedicação, bem como àquelas que os desconectam de seus mecanismos digitais de funcionamento subjetivo. Para os cientistas sociais, a geração Z exigirá das escolas, mas principalmente das universidades, novas formações profissionais - mais dinâmicas, conectadas e rápidas.

Sem cair em esquemas geracionais e fugindo de armadilhas que acabam “ufanizando” as tecnologias e as novas gerações, quero frisar que meu objetivo é simplesmente mostrar que, constituindo a Revolução 4.0, estão tipos subjetivos forjados em meio às práticas digitais. Talvez educar tais sujeitos para que se mantenham conectados com a materialidade do mundo, conscientes de suas ações e dos impactos humanos gerados pelos usos indiscriminados das tecnologias, seja um dos grandes desafios para as Humanidades.

Juliane: De que modo poderíamos pensar a inovação a partir dos saberes do campo das Humanidades?

Maura: Nas Humanidades, ainda reproduzimos muito e criamos pouco. O que não é necessariamente ruim, mas poucos conhecimentos novos se consegue produzir para “dar conta” de realidades contemporâneas tão complexas como as que vivemos no presente, por exemplo, a dos avanços tecnológicos em todas as áreas do conhecimento. Recordo aqui de uma entrevista concedida por Michel Serres a Maria Emanuelle Santos, na *Revista Pro-Posições* (2015). O filósofo argumentava, ao fazer uma crítica à universidade, que a norma universitária é muito boa, pois consagra o saber e a referência aos autores. Porém, o modelo de universidade que temos ainda está muito voltado para o comentário, principalmente em filosofia. O filósofo dizia ter acompanhado algumas revoluções em seu tempo. Citava

algumas delas na matemática, na física, na biologia, dizendo que todas as ciências se transformaram. As Humanidades acompanharam e ajudaram a produzir todas essas e outras mudanças e necessitam encontrar respostas para que não recaia sobre nós o extermínio.

Desde os anos de 1980, no Brasil, parece que temos nos ocupado em produzir a crítica das práticas de dominação, porém, deixamos um vazio no que se refere à construção de novas propostas de ensino, capazes de preparar crianças, jovens e adultos para nosso tempo - marcado por discriminação negativa, corrupção, desigualdade, avanço tecnológico, mercado empresarial e financeiro, precariado, competição, globalização... Esquecemos que, na Modernidade, não há espaços para vazios. Os vazios deixados são rapidamente ocupados por áreas nem sempre atentas aos impactos das ações empreendidas sobre a vida.

Inovar parece ter virado uma nova norma. A partir dos parâmetros que usamos para identificar uma inovação, lemos o restante das práticas. Ciência, tecnologia e inovação são o tripé que tem sustentado tanto o novo quanto os inovismos em todas as áreas. Na área de Humanidades, é muito difícil falarmos de inovação ou atribuímos esse caráter a uma prática. Muito do que assistimos hoje são repetições de práticas anteriores, que têm atualizadas as suas finalidades, mas as técnicas empenhadas repetem as de outros tempos. Um exemplo disso é a metodologia ativa, apontada hoje como uma inovação metodológica e curricular.

Não sei se concorda comigo, mas parece-me que o título “disruptivo” tem sido dado de maneira muito fácil para as práticas em Humanidades. Com o conhecimento cada vez menos aprofundado, qualquer prática passa a ser inovadora e disruptiva. A ignorância é uma recorrência no presente. Penso que o avanço tecnológico tem exigido invenções curriculares. Por exemplo, uma escola sem professor é uma inovação baseada no desenvolvimento orientado por competência e metas a serem atingidas. Porém, nem tudo o que inova é bom. Tenho dúvidas se aqueles que idealizam tal escola ou tal formação têm clareza do que representa não termos mais espaços comuns de partilha e de desenvolvimento de disciplina para a vida em sociedade. Se há algo caro para nós, sujeitos modernos, foi a invenção da escola como espaço de educação para todos. Romper com isso, sem dúvida, é uma inovação cujos resultados sentiremos anos mais tarde. Creio que o esfacelamento do modelo disciplinar de escola seja uma inovação tanto quanto foi inovador reunir dezenas de alunos em uma mesma sala de aula, subordinando todos, ao mesmo tempo, à mesma regra. A reunião de tipos humanos no mesmo espaço escolar, além de gerar medidas novas de comparação, também possibilitou o aprimoramento da técnica de otimização do trabalho em um menor tempo possível.

Enfim, inovar nas Humanidades é ler diferente, é apresentar outra interpretação, criar um novo conceito, subjetivar de outras maneiras. Nenhuma dessas práticas é fácil de ser detectada pelos “inovômetros”.

Juliane: Como pensar a formação de professores na área de Humanidades?

Maura: A pergunta que me fazes é bem difícil, pois cada vez mais os professores parecem ser avaliados pelos resultados apresentados pelos alunos em provas de larga escala, e não por suas qualidades profissionais. Também, cada vez mais, os professores parecem estar sendo substituídos por psicólogos e tutores com distintas formações. Lamento muito essa inversão de valores. Estamos puxando a vara para a direita, ou seja, cada vez mais transformando professores em mediadores e reprodutores de atividades didáticas de tamanho único. A linguagem da aprendizagem, antes manejada pelas Humani-

dades e, mais especificamente, pela psicologia e educação, está cada vez mais nas mãos de áreas bem pouco preparadas para questões do tipo: por que se aprende? O que, quando e em quais circunstâncias se aprende?

Penso que a formação de professores deve ser um desdobramento da formação em Humanidades. Um desdobramento que poderia ser escolhido nos últimos dois anos de um curso de Humanidades. Tal curso deveria investir na ampliação de repertórios culturais e filosóficos capazes de provocar e subsidiar os futuros docentes para criarem suas práticas pedagógicas de forma mais artesanal. O trabalho de ensino é artesanal. Jamais se repetem as técnicas, pois elas são personalizadas no trato direto com o outro; elas ultrapassam o planejamento. Eis a questão de uma prática jamais ser repetível da mesma forma que outra. Quanto maior for o repertório do professor, mais condições de criar ele terá.

Na formação em Humanidades que antecede a formação específica para ser professor, poderiam circular inúmeros aparatos para fazer os futuros docentes vivenciarem outros mundos. As tecnologias digitais, sobre as quais refletíamos antes, seriam potentes instrumentos de acesso a esses mundos.

REFERÊNCIAS

DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. **Comum**. Ensaio sobre a revolução no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2017.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil**: um manifesto. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

MARCOVITCH, Jacques. **Os desafios da área de Humanidades no Brasil e no mundo**. Estudos avançados. n. 16, 2002. p. 233-243.

SCHWAB, Klaus. **Quarta revolução industrial**. São Paulo: Edipro, 2016.

SERRES, Michel. **Tempo de crise**. O que a crise financeira trouxe à tona e como reinventar nossa vida e o futuro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

SERRES, Michel. Educação e contemporaneidade em Michel Serres. In: **Pro-Posições**. v. 26, n. 1, Campinas Jan./Apr. 2015